



SALVADOR E SUAS CORES [2023]

POR AÇÕES AFIRMATIVAS URBANAS – RACISMO, POPULAÇÃO NEGRA, INDIGENA E DIREITO À CIDADE

A ESPACIALIDADE NEGRA DA EDUCAÇÃO NA COMUNIDADE ROSALINA, FORTALEZA-CE

TIAGO SOUZA DE JESUS ¹

HENRIQUE CUNHA JUNIOR ²

Resumo: Este trabalho refere-se a um trecho de uma dissertação defendida em 2023 que enveredou pela investigação no campo da autobiografia, do patrimônio cultural negra, da forma negra urbana e da educação na Comunidade Rosalina, um bairro negro da cidade de Fortaleza. O objetivo aqui é abordar a espacialidade negra da educação na Rosalina, sua forma e conteúdo no dia a dia da população negra que mora no bairro. Foi utilizado a metodologia afrodescendente de pesquisa, os percursos urbanos, as memórias e (auto)biografia negras como estratégia de traduzir o cotidiano específico da Comunidade. Observa-se que a consciência do entorno, do local onde vive é uma dimensão da educação observada. A solidariedade e as formas associativas por meio de redes e família extensiva constituem-se como outro aspecto importante presente no cotidiano educativo da Comunidade Rosalina, de forma que explica o contexto histórico da sua própria existência que se relaciona com os seus antepassados. As formas educativas da comunidade Rosalina evoca vivências e memória-histórico-ancestral.

Palavras-chave: Educação; Afrodescendência; Coletividade; Comunidade; Bairros negros.

INTRODUÇÃO

Para compreender a educação na comunidade Rosalina, é essencial abordar a dinâmica das experiências urbanas das populações negras. De acordo com as palavras de Maria Estela Rocha Ramos, o bairro é o local onde as pessoas residem, construindo suas vivências concretas e identidades pessoais; ele desempenha um papel fundamental na preservação e transmissão de conhecimento (Ramos, 2013). Essa compreensão requer uma análise profunda dos elementos espaciais que caracterizam o ambiente do bairro negro, conforme concebido por Ramos, tais como "quintais, espaços coletivos, locais sagrados, mercados e áreas vegetais" (Ramos, 2013, p. 198).

A Comunidade Rosalina é um bairro negro que detém parcela do desenvolvimento histórico da população negra no Brasil. A desterritorialização foi uma política em vigor

¹ Mestre em Educação Brasileira pela Universidade Federal do Ceará. Bacharel e licenciado em História pela Universidade Federal de São Paulo. Professor na SEDUC/CE. E-mail: tiagounifesp@gmail.com

² Doutor em Engenharia – Instituto Politécnico de Lorraine – Nancy – França. Professor Visitante do Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo – UFBA. Professor Titular da Universidade Federal do Ceará. E-mail: hcunha@ufc.br



SALVADOR E SUAS CORES [2023]

POR AÇÕES AFIRMATIVAS URBANAS – RACISMO, POPULAÇÃO NEGRA, INDIGENA E DIREITO À CIDADE

durante quase 400 séculos no Brasil. Durante o período colonial, o Brasil abrigou um considerável número de africanos que haviam sido sequestrados de suas terras (Alencastro, 2000; Rolnik, 1989). Após seu fim, inicia-se uma reorganização espacial alinhado aos preceitos urbanísticos externos à realidade brasileira.

Dentre as variáveis que influenciam a formulação dessa política pública urbanística ao longo do século XIX, como conta Emília Viotti da Costa, está a marginalização das populações negras e pobres (Costa, 2010). Esse modelo inicialmente surge de forma inversa ao modelo clássico, no sentido de que os núcleos urbanos viviam isolados, alheios ao que acontecia no restante do mundo (Costa, 2010). Com a proibição do tráfico criminoso em 1850, surge o problema da transição do trabalho baseado no escravismo criminoso para o trabalho livre, ao passo que a política de imigração cresce em todo o país.

Nesta segunda metade do século XIX, esses elementos aceleram mudanças urbanas significativas. As elites rurais mudam-se para os grandes centros e regiões próximas à praia, fator que provoca significativa valorização dessas regiões antes ocupadas por pescadores, indígenas, afrodescendentes livres e ex-escravizados. Os centros urbanos reestruturam-se após a presença da população com maior poder aquisitivo na construção de praças, ruas, passeios públicos, hotéis, iluminação, abastecimento de água, etc.

Os centros urbanos são reestruturados à medida em que se intensifica o processo de expulsão das populações mais pobres. O século XX é marcado pelo processo de surgimento de novos bairros destinados à classe econômica dominante tais como Aldeota, Jacarecanga próximo à região praiana de Fortaleza em detrimento ao surgimento de bairros como Conjunto Palmeiras e José Walter na região sul da capital cearense. A política de mutirões da década de 1980 criou as Sociedades Comunitárias de Habitação Popular (SCHP) e é uma das estratégias que o nacional-desenvolvimentismo encontra para combinar austeridade e política de habitação.



SALVADOR E SUAS CORES [2023]

POR AÇÕES AFIRMATIVAS URBANAS – RACISMO, POPULAÇÃO NEGRA, INDIGENA E DIREITO À CIDADE

Sobre essa política habitacional, Alex Abiko e Leandro Coelho (2004, p. 8) colocam que se trata de uma “alternativa habitacional baseada no esforço coletivo e organizado da comunidade – os chamados “mutirantes” – para a construção de suas próprias moradias”. Em outras palavras, o senso associativo de construção coletiva baseada na solidariedade presente nos meandros das populações negras é utilizado como ferramenta de diminuição dos gastos públicos. É nesse contexto que surge os bairros negros Jardim União I e II em anexo ao bairro Passaré em Fortaleza (Barbosa *et al*, 2022). Esses bairros são “entre-lugares, construídos de forma intersubjetiva e interdisciplinar” (Barbosa, 2022, pág. 5-6), o que Larisse Barbosa em seu estudo chama de solidariedade afiliativa.

A terra sempre foi um elemento central na vida da população negra e no processo de desenvolvimento da História do Brasil. Esse longo processo de perdas e espoliação territorial que se intensificou com o advento da República, Kabengele Munanga observa que "os africanos e seus descendentes se empenharam em buscar territórios próprios" (Munanga, 2012, p. 17). Essa busca foi motivada pela necessidade de encontrar um espaço onde pudessem praticar sua fé e expressar sua cultura. Esses locais são conceituados por Munanga como "territórios étnicos no contexto urbano brasileiro" (Munanga, Op. cit., p. 18). Os lugares de expressão dos cultos aos orixás, deuses e *inkisi*, bem como de expressão da cultura africana, constituem o que o geógrafo Rafael Sanzio descreve como "identidades territorializadas resistentes-sobreviventes" (Anjos, 2014, p. 333).

Quando falamos de território, seguimos a concepção de Milton Santos (1999, p. 7) em seu artigo O dinheiro e o Território, na qual ele entende o território como o "lugar onde convergem todas as ações, paixões, poderes, forças e fraquezas, ou seja, onde a história da humanidade se realiza plenamente por meio das manifestações de sua existência". Nessa mesma perspectiva, o geógrafo negro Rafael Sanzio (Anjos, 2009, p. 149) define o "território étnico ou da população negra como o espaço construído e materializado com



SALVADOR E SUAS CORES [2023]

POR AÇÕES AFIRMATIVAS URBANAS – RACISMO, POPULAÇÃO NEGRA, INDIGENA E DIREITO À CIDADE

base em referências de identidade e pertencimento territorial, geralmente com uma população de origem comum".

Essa definição está em consonância com o pensamento de Cheikh Anta Diop (1982), que argumenta que a identidade cultural de um povo está intrinsecamente ligada a três principais fatores: cultura, psicologia e história. O déficit habitacional nas regiões centrais apresenta-se como marca político-econômica do período e esta, por sua vez, sublinha às populações afrodescendentes e mais pobres a ocupação como única possibilidade viável de conquista da terra e da moradia. É nesse contexto do início da década de 1990 que surge a Comunidade Rosalina, nos limites entre os bairros Parque Dois Irmãos e Passaré.

Figura 1 - Vista de crianças brincando em vias públicas da comunidade Rosalina



Fonte: Base de dados Acervo Digital de Fortaleza, ano 2010.

A comunidade Rosalina surge no entorno de um campo de futebol chamado Campo do Palito. Em 1992 algumas famílias ocuparam alguns terrenos no entorno do campo. Contudo, em 1996, inicia-se um processo massivo de ocupação de centenas de famílias



SALVADOR E SUAS CORES [2023]

POR AÇÕES AFIRMATIVAS URBANAS – RACISMO, POPULAÇÃO NEGRA, INDIGENA E DIREITO À CIDADE

em 80% do território conhecido hoje como Rosalina. Construída de forma coletiva, Rosalina até 1997 foi chamada pelo nome sem-terra, até que a filha de um dos líderes da ocupação vem a falecer. Rosalina Rodrigues, então, tornou-se símbolo do processo de ocupação em massa iniciado em 1996.

Parte importante das famílias que estiveram nesses momentos decisivos ainda vivem na comunidade. Um dado significativo da dinâmica social da comunidade é a diáspora interna dentro do próprio território em que moradores mudam de moradia dentro da própria comunidade, ao passo que muitos moradores deixam a comunidade e voltam posteriormente, como é o caso do morador-autor do presente artigo. Essa dinâmica remete aos processos territorialidades transitórias internas no contexto de desterritorialização do período colonial em que o negro-africano necessitou reconstruir seus entre-lugares dentro do mesmo contexto.

O intelectual antilhano Edouard Glissant (2005), ao introduzir conceitos como "rastros-resíduo" e "totalidade-mundo", oferece uma visão de identidade que desafia a hegemonia de uma única narrativa histórica. Dentro desse contexto, compreende-se sua ideia de identidade que, em certa medida auxilia na compreensão da evolução da identidade em Rosalina, uma identidade moldada pela diferença (Glissant, 2005) e pelo limiar de fronteiras que estabelecem relações que se desenrolam constantemente no presente momento da história.

Pesquisar a educação de forma territorializada a partir do conceito de forma urbana negra coloca o pesquisador na luta do combate do que é estrutural: o racismo antinegro. Uma vez que "A educação precisa ser pensada tendo como base a realidade de base africana destes bairros negros e das suas relações sociais com o conjunto da sociedade" (Cunha Jr., 2017, p. 9). Para isso, necessitamos de um esforço para compreender as condições de vida da população negra, relacionando a sociedade brasileira atual com os problemas urbanos e esses com a situação de vida da população negra que vive nos bairros (Cunha Jr., 2019).



SALVADOR E SUAS CORES [2023]

POR AÇÕES AFIRMATIVAS URBANAS – RACISMO, POPULAÇÃO NEGRA, INDIGENA E DIREITO À CIDADE

Figura 2 - moradores construindo uma moradia de forma coletiva com técnica africana taipa de mão ou pau-à-pique.



Fonte: Associação Comunitária Rosalina, s/d.

Acima, é possível observar o registro de pessoas construindo moradias utilizando técnica conhecida na comunidade por taipa, onde utiliza-se ripa em uma trama de fios de olho de carnaúba ou pregos além de terra para construção da estrutura. Geralmente utiliza-se terra crua, contudo, dentro da realidade das construções na Rosalina, utiliza-se barro produzido com terra e água da própria comunidade. Na imagem acima, observamos dois grupos: um grupo que constrói e outro que cava o chão. Este último, garante a produção da terra como base da produção do barro. Neste sentido, a terra é matéria prima para construção das moradias (Olender, 2006). Esses elementos são os bens culturais que somados formam o patrimônio cultural da população negra da Rosalina.

Na origem da comunidade Rosalina, como observamos, encontramos a construção coletiva e a solidariedade entre seus moradores como elementos que estão profundamente arraigados não só presentes nas construções, mas também na vida cotidiana desse grupo. A maneira como a comunidade Rosalina se estabeleceu destaca a forma como os afrodescendentes ocupam esses espaços, criando bairros que se distinguem dos demais, onde a cultura negra não está presente em maior número.



SALVADOR E SUAS CORES [2023]

POR AÇÕES AFIRMATIVAS URBANAS – RACISMO, POPULAÇÃO NEGRA, INDIGENA E DIREITO À CIDADE

Aqueles que participaram da ocupação de 1996, relatam ter realizado a divisão conjunta do terreno em lotes de 16 metros quadrados, construindo moradias inicialmente com madeira e lona preta. A alimentação era uma atividade coletiva regida pela Associação recém-criada e “pegar sopa” ainda hoje é uma atividade rotineira dentro da comunidade promovida pela Associação.

Explorando a dimensão social, Muniz Sodré (2002), em seu livro *O terreiro e a cidade: a forma social negro-brasileira*, destaca que o sistema escravista desmantelou muitas das estruturas organizacionais criadas pela população negra no Brasil. Isso levou à criação do que ele denomina de "grupo patrimonial", que permite o estabelecimento de laços de solidariedade dentro desse próprio espaço. Seguindo essa linha de pensamento, Sodré, ao se referir aos terreiros, enfatiza o território como uma oportunidade para "reconstituir as linhagens" e considera isso como "um ato político de repatrimonialização" (Sodré, 2002, p. 75). Nesse contexto, o patrimônio representa algo que "remete à coletividade e ao anti-individualismo" (Sodré, 2002, p. 74).

Bairros negros: conceitos, concepções e dimensões

É importante que conceituemos o que chamamos de bairro negro, bem como sua dinâmica. Para isso, é necessário compreendermos sua formação histórica. Com isso, “a formação de um bairro negro é marcada por um processo histórico das várias expressões de culturas negras que configuram diferentes sociabilidades e espacialidades” (Ramos, 2013, p. 195), entre as quais, a solidariedade é um dado qualitativo fortemente presente nos afrodescendentes que vivem nos bairros. Essa é a marca profunda que encontramos quando remontamos a história de um bairro negro. A ocupação do espaço pela população negra, em uma análise sócio-histórica do processo, resulta nessas dimensões sociais e afetivas citadas.

O intelectual Milton Santos (1997) traz a concepção de que o espaço geográfico “é formado por um conjunto indissociável, solidário e contraditório, de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como um quadro único na



SALVADOR E SUAS CORES [2023]

POR AÇÕES AFIRMATIVAS URBANAS – RACISMO, POPULAÇÃO NEGRA, INDIGENA E DIREITO À CIDADE

qual a história se dá” (Santos, 1997, p. 51). A cultura negra imprime nos bairros sua marca e dinamiza o espaço. Seguindo nessa linha, o *continuum* cultural dos espaços onde a cultura negra predomina, decorre de uma “história coletiva que explora possibilidades de uma criação autônoma pela forte expressão cultural afro-brasileira” (Ramos, 2013, p. 228). O bairro negro é, portanto, “aquele onde predomina a cultura negra” (Ramos, *Op., cit., idem*). No entanto, existem forças políticas e econômicas que determinam a ocupação e apropriação de territórios. Isso implica dizer que a ocupação e transformação do território em um bairro negro é precedida de decisões externas à própria população que a ocupa.

A comunidade Rosalina é produto das forças econômicas e políticas que independem dos interesses da população local. A parcela da cidade em que ela se encontra, ao contrário de outras parcelas do território da cidade de Fortaleza, no qual a maioria dos moradores são de eurodescendentes, não decorre de planejamento urbano, não detém espaços tecnológicos e investimentos públicos. O processo de desqualificação da população afrodescendente, que os afasta dos centros de investimento público, é conceituado por Milton Santos (1993, p. 112-113) em sua obra *O espaço do cidadão de localizações forçadas*.

A localização das pessoas, é na maioria das vezes, produto de uma combinação entre as forças de mercado e decisões de governo. Como o resultado é independente da vontade dos indivíduos atingidos, frequentemente se fala de migrações forçadas pelas circunstâncias [...] Isso equivale também a falar de localizações forçadas. Muitas destas contribuem para aumentar a pobreza e não para suprimir ou atenuar.

Essas localizações forçadas causam desníveis econômicos territoriais e contribuem para o aumento da pobreza urbana. Com isso, a população afrodescendente localizada nos bairros negros é empobrecida por uma política equacionada à este fim. O processo de desqualificação social da população afrodescendente no Brasil é um projeto em vigor há mais de cem anos. Um dos resultados é a ideologia da mestiçagem. A política do período Republicano é "eurocêntrica e segregacionista" (Cunha Jr., 2016, p. 10). A reorganização das cidades, nos termos do pensamento de Néstor Garcia Canclini (2008), em sua obra *Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*, aponta uma contradição em que se busca de um modernismo sem modernização, aconteceu em cidades



SALVADOR E SUAS CORES [2023]

POR AÇÕES AFIRMATIVAS URBANAS – RACISMO, POPULAÇÃO NEGRA, INDIGENA E DIREITO À CIDADE

brasileiras como Rio de Janeiro, São Paulo e Fortaleza, um projeto baseado na ideia de modernização a ser seguido por todos.

Cada homem vale pelo lugar onde está: o seu valor como produtor, consumidor, cidadão, depende de sua localização no território. Seu valor vai mudando, incessantemente para melhor ou para pior, em função das diferenças de acessibilidade (tempo, frequência, preço) independente de sua própria condição. Pessoas com as mesmas virtualidades, a mesma formação, até mesmo o mesmo salário têm valor diferente segundo o lugar em que vivem: as oportunidades não são as mesmas. Por isso, a acessibilidade de ser mais ou menos cidadão depende, em larga proporção, do ponto do território onde se está. Enquanto um lugar vem a ser a condição de sua pobreza, um outro lugar poderia, no mesmo momento histórico, facilitar o acesso àqueles bens e serviços que lhes são teoricamente devidos, mas que, de fato, lhes faltam. (Santos, 1993, p. 81)

Os moradores dos bairros negros são empobrecidos. Para que possam usufruir dos equipamentos públicos de saúde, lazer e cultura, nós necessitamos de tempo e dinheiro. Diante dessa condição imposta é que surgem estratégias de sobrevivência. Guiné-Bissau³, morador da comunidade Rosalina há mais de 20 anos tem um carro que ele empresta a vários moradores para ir trabalhar, passear, realizar procedimentos de saúde etc.

Algo semelhante ao exemplo anterior acontece com a moto do Gâmbia, o carro do Egito, o carro do pai do Níger e tantos outros moradores que têm veículo próprio. O requisito para uso é o abastecimento do veículo com gasolina. Isso demonstra que “[...] a vida só tem sentido dentro de um trabalho na comunidade. A participação de cada um é condição para dizermos que vivemos como negros, ou seja, que vivemos.” (Cunha Jr., 1978, p. 4 *apud* Antonio, 2005, p. 36)

³ Todos os moradores da comunidade Rosalina que foram citados tiveram seus nomes substituídos por Impérios, capitais ou Estados africanos, a fim de preservar sua identidade.



SALVADOR E SUAS CORES [2023]

POR AÇÕES AFIRMATIVAS URBANAS – RACISMO, POPULAÇÃO NEGRA, INDIGENA E DIREITO À CIDADE

Os sistemas de ajuda mútua, o fato de um comprador de reciclados arredondar para cima o valor a ser pago pela mercadoria, pagando um pouco mais do que os papelões e os alumínio custam. Os trabalhos das igrejas, o compartilhar xícaras de açúcar, café e meio quilo de arroz entre os vizinhos são empatias, solidariedades e amor (Jesus, 2014) que encontramos presente nas redes e sociabilidades da Rosalina. Tudo isso delinea a concepção da educação na perspectiva territorializada, que considera todos os elementos do bairro negro, da forma urbana negra e sua situação de vida.

Entendemos que a cultura de um bairro constitui como "reprocessamentos pensados, produzidos no coletivo e nas individualidades, que deram novo teor às culturas de origem" (Cunha Jr., 2001, p. 12). Assim, a comunidade Rosalina refere-se às Africanidades, isto é, a "cultura brasileira de origem africana" (Silva, 2003, p. 26). Por Africanidades entendemos como "reconhecimento da existência de uma etnia de descendência africana [*tendo como base*] [...] o desenvolvimento histórico destas nos limites condicionantes dos sistemas predominantes de escravismo criminoso e capitalista racista." (Cunha Jr., 2001, p. 11, grifo meu, inclusão minha).

A noção de lugar comunga com a ideia de Milton Santos (2006, p. 213) que, sob o prisma da Globalização considera que "cada lugar é, à sua maneira, o mundo". Essa relevância do lugar, adquire um significado simbólico e essa simbologia está no campo afetivo - o orgulho por ter uma casa naquele lugar transita entre o campo afetivo e a conquista de um lugar para morar, uma condição real de vida.

Ancestralidade e comunidade são os dois valores sociais herdados pelos ancestrais africanos os quais guiaram este percurso. A definição desses conceitos está ancorada no pensamento de Henrique Cunha Júnior (2007, p. 76) ao afirmar que ancestralidade e comunidade "nos coloca diante de um fazer da construção do lugar do território dado pelo acúmulo repetitivo da experiência humana". Ou seja, viver no bairro negro significa nutrir uma relação afetiva com o lugar. O sentimento de pertencimento ao espaço é um indício da ancestralidade.



SALVADOR E SUAS CORES [2023]

POR AÇÕES AFIRMATIVAS URBANAS – RACISMO, POPULAÇÃO NEGRA, INDIGENA E DIREITO À CIDADE

A Ancestralidade inscrita sob o pensamento de Eduardo Oliveira traduz-se numa “experiência de forma cultural que, por ser experiência, é já uma ética, uma vez que confere sentido às atitudes que se desdobram de seu útero cósmico até tornarem-se criaturas nascidas no ventre-terra” (Oliveira, 2012, p. 39). O ventre-terra aqui é a comunidade da Rosalina.

A espacialidade negra da educação

Aprendi⁴ muito cedo que a educação poderia me levar a um lugar que eu não conseguia imaginar como seria. Eu ouvia minha mãe falando que eu tinha que estudar para “alguém na vida”. Cresci com essa frase, eu sabia que eu tinha que ir à escola para ser alguém, eu não queria não-ser, eu queria ser. Então, sempre enfrentei a ideia de ir à escola como rotina, como escovar os dentes, ou tomar banho. Todos os dias eu tinha que fazê-la. A visão da minha mãe em relação a educação era diferente da visão do meu pai, morei na mesma casa com os dois até os 12 anos de idade, a partir daí, meus pais se separaram e ele saiu de casa e nunca mais voltou.

Meu pai nunca deu importância para a minha rotina escolar. Se eu chegasse a faltar ou me atrasar, para ele não parecia ser um problema. Meu pai nunca foi à escola. Minha mãe conta que ele “apanhava do pai dele se pedisse para ir para escola”. Meu avô paterno foi criado e se desenvolveu no roçado, trabalho na roça. E o seu único filho do sexo masculino assim também o fez.

Meu pai viveu trabalhando em roçados do Maranhão e depois do Piauí durante toda sua infância, adolescência e início da vida adulta, até conhecer minha mãe. Já minha mãe sempre trabalhou na feira. Minha avó tinha uma banca onde ela vendia bananas na feira da cidade e sempre levava os filhos e filhas mais novos que ela tinha para ajudar no

⁴ Esta seção do texto foi escrita em primeira pessoa por combinar autobiografia com experiências espaciais e educacionais no processo de análise. As experiências referem-se à trajetória de vida do morador-autor do texto que analisa seu próprio bairro em um movimento pesquisador-pesquisado.



SALVADOR E SUAS CORES [2023]

POR AÇÕES AFIRMATIVAS URBANAS – RACISMO, POPULAÇÃO NEGRA, INDIGENA E DIREITO À CIDADE

trabalho. Minha mãe era uma delas. Já meu avô paterno era policial, soldado. Mas ele também nunca foi à escola. Minha avó materna sabia ler, cresci vendo-a ler a Bíblia.

Minha mãe estudou até a antiga quinta série (hoje sexto ano) e evadiu devido a gravidez e por ser expulsa da casa de seus pais. Ela precisou trabalhar e se mudou para a casa da sua sogra. Foi então, aos 19 anos de idade, que minha mãe começou a trabalhar como empregada doméstica. Ela ainda tentou estudar novamente quando eu tinha 8 anos de idade, mas a rotina de ser mãe de dois filhos, trabalhar por 12 horas diárias dificultou e ela também naquela ocasião desistiu. Minha mãe sabe ler e escrever, meu pai não.

As relações entre trabalho e educação têm uma intermediação da família. Neste, a compreensão ou visão que a família tem da educação sofre uma composição tanto com o sistema educacional como com as oportunidades de trabalho (passadas, presentes e futuras), determinando o nosso patamar de inserção na modernidade industrial brasileira. Dentro deste conjunto, ficam, pelas formas determinadas tanto na educação formal como informal, excluídas as questões de nosso acesso ao poder. (Cunha Jr., 1992, p. 113)

Percebo como a visão dos meus pais em relação à educação é diferente. Meu pai acredita no trabalho duro, pesado, de sol a sol e que a educação escolar é somente uma etapa que pouco ou nada influencia no futuro profissional de quem “não tem medo de trabalho”. Já minha mãe crê num futuro melhor através da educação. Ela sempre falava que eu tinha que estudar para virar engenheiro ou policial. Ela queria que eu fosse engenheiro.

Em 2012 eu tinha sido aprovado e iniciado meu curso de História na UNIFESP, então minha mãe me ligou falando que tinha contado para uma amiga dela a novidade, que eu tinha sido aprovado no curso de engenharia em São Paulo. A última vez que falei sobre meus estudos com meu pai foi em 2016. Fui visitar ele, para contar que eu tinha concluído meu curso de graduação em São Paulo e tinha sido aprovado recentemente em um curso de especialização em uma conceituada Universidade Federal. Antes de eu dar a notícia meu pai perguntou: “tu já terminou a escola?”. Eu tinha 24 anos de idade.



SALVADOR E SUAS CORES [2023]

POR AÇÕES AFIRMATIVAS URBANAS – RACISMO, POPULAÇÃO NEGRA, INDIGENA E DIREITO À CIDADE

Figura 3 - Crianças brincando na esquina rua Hildebrando Pereira, próximo ao campo do Palito, lugar de brincar.



Fonte: Associação Comunitária Rosalina, ano c2001

Aos sete anos de idade consegui meu primeiro trabalho remunerado, vendendo alface, coentro e cebolinha dentro da Rosalina. A dona do negócio e moradora do Parque Dois Irmãos necessitava atender mais clientes, porém vender seus produtos dentro da Rosalina, para ela, seria um risco à própria vida. Daí surgiu a ideia de ofertar trabalho a algum morador que aceitasse vender sua mercadoria cinco horas diárias, das 07 horas às 12 horas, por um valor de dois reais e cinquenta centavos o dia de trabalho. Sob essas condições, meu primo de 11 anos e eu, que tinha 07 anos, iniciamos, em um dia qualquer, as vendas das hortaliças dentro da Rosalina.

Durante minha formação escolar inicial, passei por momentos muito conturbados em casa. Meu pai, por ser dependente químico, tornava-se violento aos fins de semana e então, nesses períodos, eu tinha que arrumar alguma forma de manter a integridade física de minha mãe nas madrugadas de sexta, sábado e domingo. Nesse período da minha infância eu tive que assumir um papel apaziguador, mediador. Eu não podia atacar meu pai de forma violenta, e não podia deixá-lo atacar minha mãe de forma violenta. Então, eu procurava adotar uma postura mediadora naquelas situações.

O ambiente escolar também foi um ambiente de conflitos, em proporções menores e com outras características. E na escola, eu adotei uma postura também de mediação. Eu não podia deixar transbordar o sentimento de raiva e decepção que sentia, então buscava



SALVADOR E SUAS CORES [2023]

POR AÇÕES AFIRMATIVAS URBANAS – RACISMO, POPULAÇÃO NEGRA, INDIGENA E DIREITO À CIDADE

tornar “leve” o ambiente da sala de aula. Eu era bom em contar piadas, fazer brincadeiras. Fiz muitos amigos assim. Me tornei popular e fui aceito pelos mais diversos grupos sociais da escola.

O viver no bairro, o cotidiano, os processos de sociabilidades produzem conhecimento, esse conhecimento é fruto de uma educação, que aqui chamaremos de educação informal, por não ser elaborada e transmitida por uma instituição oficial, mas sim pelo bairro, pela família, pelos amigos, enfim, pela sociabilidade. “O ser humano se constitui dentro de um contexto plural de histórias, culturas e modos de vida ao longo de sua existência e de seus antepassados, ou seja, com suas vivências e memória-histórico-ancestral (Videira, 2009, p. 232)”

Os jovens estudantes vivem em bairros que tem em sua composição étnica maioria de pretos e pardos, que podemos chamar de negros. A realidade vivida em bairros negros, difere socialmente, economicamente e estruturalmente da realidade vivida por estudantes que vivem nos centros urbanos das cidades, em bairros de maioria eurodescendente. Seguindo nessa linha, Cunha Jr (2017, p. 9) afirma que,

Desta forma, a educação precisa ser pensada tendo como base a realidade de base africana destes bairros negros e das suas relações sociais com o conjunto da sociedade. Pensar estes bairros desde as suas identidades, as suas possíveis afirmações e transformações sociais, políticas, econômicas e culturais. No âmbito da sua história, que não apenas econômica e nem apenas material. Esta é uma tarefa difícil devido aos obstáculos mentais, conceituais e práticos aos quais estamos ancorados no conjunto da educação brasileira.

Um dos problemas aqui apresentados é o fato de a escola e seus educadores não considerarem o conjunto de informações processados pelo cotidiano como parte fundamental no processo de formação humana e fortalecimento identitário. Ora, “é preciso ter lucidez na percepção de que a educação formal não produz todos os conhecimentos, ela apenas valida ou invalida os conhecimentos que se adequam ou não a lógica e prática do que temos como educação hoje” (Souza, 2010, p. 98).

Tem-se ainda enraizada a ideia de educação como reprodutora do conhecimento já produzido pelos grandes cientistas da história. Os detentores dessa visão, também



SALVADOR E SUAS CORES [2023]

POR AÇÕES AFIRMATIVAS URBANAS – RACISMO, POPULAÇÃO NEGRA, INDIGENA E DIREITO À CIDADE

concluem que os jovens estudantes não são capazes de produzir ciência. Os conhecimentos adquiridos e produzidos a partir da realidade vivida no bairro não são validados pelas escolas. Durante os percursos urbanos, pude conversar com crianças negras⁵ da comunidade e realizei duas perguntas para eles:

- i. Como é sua vida na escola, seus amigos e professoras?
- ii. Como é sua vida em casa, com seus pais e irmãos?

A maioria delas responderam a primeira pergunta como “é legal!” e a segunda pergunta: “como assim?”. Por serem crianças, tive que complementar as perguntas com outras perguntas, de forma que compreendessem que deveriam detalhar o seu dia a dia tanto em casa, como na escola. E então, elas começaram a detalhar o seu cotidiano. Nairóbi conta que não gosta de ficar em casa com seus pais, prefere sua tia, pois em casa a mãe dele vive brigando:

Eu gosto da casa da minha tia. Ela gosta de mim. Minha mãe briga muito comigo e fala muito alto. [...] A minha professora disse que falar alto é falta de respeito e é proibido na escola. [...] A minha professora é muito legal comigo. Eu tenho dois amigos na escola. A gente brinca de bola no recreio. (Entrevista com NAIRÓBI, novembro de 2022)

Nairóbi está vivendo grande parte da sua vida com sua tia, desde que nasceu. Pois sua mãe trabalha em período integral e não pode deixá-lo sozinho em casa. Sua mãe tem 3 filhos e ele é o segundo. A mãe de Nairóbi tem outro filho do recente relacionamento e está separada do pai biológico de Nairóbi desde que ele tinha 3 anos de idade. A mãe dele não concluiu o ensino médio. Pelo que Nairóbi conta, a mãe dele não vive uma boa relação com o atual companheiro e então se estressa e acaba por descarregar a raiva nos filhos. Outro ponto de interesse a ser percebido nessa fala é o fato de Nairóbi ter aprendido que gritar é proibido, ao mesmo tempo que sua professora é legal com ele.

Outra criança que participou do momento foi Maputo. Maputo vive com seus 2 irmãos e seus pais. Maputo é o mais velho dos 3 filhos do casal e estuda na escola mais próxima

⁵ As crianças que participaram desse momento tinham entre 7 e 11 anos de idade e todas são moradoras da comunidade Rosalina desde que nasceram. Todos estudam na mesma escola. Nenhuma delas serão identificadas aqui na pesquisa e serão referenciadas pelo nome de capitais de países africanos. As crianças que terão suas respostas expostas são: Nairóbi de 6 anos, Maputo de 7 anos e Porto Novo de 10 anos. Suas idades são referentes a Novembro de 2022, quando aconteceu o momento. Foi preservada a forma de falar das crianças, ou seja, a transcrição é fiel a suas formas de falar.



SALVADOR E SUAS CORES [2023]

POR AÇÕES AFIRMATIVAS URBANAS – RACISMO, POPULAÇÃO NEGRA, INDIGENA E DIREITO À CIDADE

do bairro, além de viver na comunidade desde que nasceu. Maputo respondeu às duas perguntas da seguinte forma:

[A escola] é muito ruim. Eu não gosto de ir pra lá. Tem uns meninos que ficam arengando comigo. Eu falo pra professora e ela briga comigo. Na minha casa nunca tem ninguém, então eu gosto de assistir tv ou brincar de bola com os meus amigos da rua. Na minha casa é tranquilo, só a minha mãe que às vezes não deixa eu brincar na rua de noite. (Entrevista com MAPUTO, novembro de 2022)

Diferente de Nairóbi, Maputo vive em uma família menos conturbada em termos de conflitos no ambiente familiar. Porém, na escola sofre o que ele denominou como *bullying*. Ele não entrou em detalhes, mas disse que os colegas de sala “ficam xingando” ele. A relação estabelecida entre Maputo e a escola é estruturada nos corredores da escola, no que acontece no recreio e em sala de aula. Situações de xingamento, desprezo, menosprezo e rejeição afastam a criança da escola. Em se tratando de criança negra, essa situação potencializa-se, neste sentido “a identidade estruturada durante o processo de socialização terá por base a precariedade de modelos satisfatórios e a abundância de estereótipos negativos sobre os afrodescendentes, continuamente em favor do eurodescendente, suas práticas e seus valores” (Cavalleiro, 2008, p. 19).

Me chamaram de macaco e eu nunca mais fui à escola (Cunha Jr., 2008) traduz os efeitos dos xingamentos no ambiente escolar. A convivência da escola está assentada nos “componentes ideológicos inculcados no raciocínio dos professores, principalmente primários, [que] relegam as crianças negras e pobres à condição de problema” (Luiz; Salvador; Cunha Jr., 1979, p. 71). A escola adota um papel de manutenção da presença de crianças brancas ao passo que imprime um processo de exclusão das crianças negras. Não acredito que as escolas façam sistemáticas reuniões pedagógicas específicas para falar desta situação nestes termos abertamente, mas é como se fosse.

Porto Novo tem 11 anos de idade e vive parte de sua vida com sua mãe e padrasto e parte de sua vida com seu pai. Ele conta que tem o sonho de ser jogador de futebol. Por causa da sua idade, noto que ele já tem uma noção mais apurada do seu cotidiano. Então, as perguntas foram respondidas com maior detalhamento de suas percepções.



SALVADOR E SUAS CORES [2023]

POR AÇÕES AFIRMATIVAS URBANAS – RACISMO, POPULAÇÃO NEGRA, INDIGENA E DIREITO À CIDADE

Eu não vejo a hora de terminar a escola. Eu não gosto muito de ir, só nas aulas de educação física. Eu sou disputado, todo mundo quer jogar no meu time. As minhas professoras são legais comigo, eu só não gosto quando os outros meninos ficam mexendo comigo. [...] Eles ficam falando dos meus dentes e do meu nariz, eu não gosto. [...] o que eu faço? eu meto a porrada neles se eles falar isso perto de mim. Eles correm! [...] na minha casa, eu quase não vejo muito minha mãe quando to na casa dela. Ela trabalha muito e quando tá em casa, parece que tá com raiva. Às vezes eu tenho medo de ela me bater. [...] O meu pai é muito legal comigo, só não quando ele tá perto da mulher dele, aí ele fica querendo agradar ela e nem joga bola comigo. Mas quando tem jogo do Ceará ele me dá dinheiro pra eu ir pro Castelão. (Entrevista com PORTO NOVO, novembro de 2022)

É interessante observar a relação das crianças com as professoras. Todas elas apontam uma boa relação. Contudo, ao passo que essa boa relação é dita, o depoimento é acompanhado de algum tipo de violência à cultura negra presente na sala de aula. “Na escola, essas agressões são insuportáveis, sobretudo, porque os indivíduos vêm esperando da escola, um terreno de igualdade e justiça. Eles têm a escola como o campo do saber no qual esperavam não ser incomodados com as ignorâncias sociais dos racismos” (Cunha Jr., 2008, p. 233) Porto Novo é aceito no ambiente escolar quando suas aptidões físicas ou futebolísticas são colocadas à prova. Outro ponto é a forma como ele lida com os insultos e os racismos que ele chama de *bullying*.

A todas as crianças, perguntei como é brincar na comunidade. Todos exaltados, queriam dar seu depoimento ao ouvir a pergunta e disseram que gostam de brincar com os amigos. É impressionante como eles apresentaram um conhecimento geográfico do bairro. Estávamos nas imediações da rua 7 de Julho⁶ e todos eles me explicaram como podemos chegar mais rápido na areninha, quais ruas entrar e os riscos que devemos tomar no trajeto. Eles sabem o cronograma de funcionamento da areninha, quem coordena, quais times jogam o campeonato do bairro.

Eles têm uma lógica própria de organização das brincadeiras. Geralmente o menino mais velho é o responsável por organizar e fazer a mediação entre o grupo de crianças e o dono do brinquedo (geralmente uma bola). Não é permitido conflitos entre o dono do brinquedo e os demais jogadores. O mais velho precisa assegurar essa “paz”. Caso isso

⁶ Região referente ao espaço ocupado em 2016 que constitui-se como Rua Primavera, Rua Thomaz Coelho e Rua 7 de Julho, região onde as crianças entrevistadas residem atualmente.



SALVADOR E SUAS CORES [2023]

POR AÇÕES AFIRMATIVAS URBANAS – RACISMO, POPULAÇÃO NEGRA, INDIGENA E DIREITO À CIDADE

não aconteça, o dono do brinquedo leva para casa e a brincadeira acaba. Se a brincadeira acabar, apresenta-se duas possibilidades: inventar outra brincadeira ou ir para casa. Ir para casa é sempre a segunda opção.

Percebo que a variedade de brincadeiras entre essas crianças observadas é inferior ao período em que eu era criança e estava no lugar deles. Porém, percebo que o escopo de atuação das brincadeiras é maior do que quando eu era criança. As crianças observadas percebem o bairro em sua totalidade, quando eles me explicaram os múltiplos caminhos até a areninha do campo do palito, bem como detalhes no trajeto percebo um conhecimento mais apurado da sua realidade geográfica. Algo que Axum⁷ revelou não existir nos momentos em que era criança:

Quando a gente era pivete, nós brincava só aqui, nesse quadrado. Era sempre aqui nesse mesmo lugar. A gente num saía para ir pra longe, só quando era pra catar latinha, aí era trabalho. Mas naquela época era só nós aqui nesse mesmo quadrado, não passava disso. Quando eu lembro assim, dá saudade. Eu pensava que a favela era só aquilo. Uma vez tu te lembra? nós foi pros prado, lá no Riacho Doce. Morrendo de medo de não conseguir voltar pra casa. Era vida loka. [...] Naquela época, ali, saca? a gente brincava de tudo: cobra no mato, passarinho no ninho, esconde esconde, pega pega, polícia e ladrão, a gente fazia umas máscaras de bandido e armas de policial, lembra? a gente brincava de dubets, bila, arraia, pião. Era muita coisa. Minha infância foi boa. (Entrevista com AXUM, percurso urbano em 01/2023).

Axum tem 29 anos de idade e 3 filhos de um relacionamento que dura 14 anos, vive na mesma moradia desde 1997, quando chegou para morar no bairro com sua mãe, seu pai e irmãos na Rosalina. Conviveu sua infância com Somália e Angola (Filhos de Império Mali). Durante o momento de diálogo elencou uma série de brincadeiras que fazíamos quando criança.

Todas essas codificações da realidade cotidiana feita pelas crianças no ato de brincar revelam conhecimentos não codificados pelas escolas que pertencem. Essa consciência espacial das crianças observadas é expressada pelo afeto à localidade onde mora. A educação territorializada no bairro negro tem necessariamente como base o cotidiano

⁷ Axum é um morador e amigo de infância do pesquisador-morador.



SALVADOR E SUAS CORES [2023]

POR AÇÕES AFIRMATIVAS URBANAS – RACISMO, POPULAÇÃO NEGRA, INDIGENA E DIREITO À CIDADE

histórico. Nessa perspectiva, educação é tudo aquilo que aprendemos no dia a dia ao morar no bairro. É no “saber viver” que reside as formas de vida urbana negra.

O espaço escolar causa estranhamento, é pouco acolhedor e comumente repulsivo. O sentimento de “sentir-se em casa” ao chegar no bairro, é uma das formas de compreender que a realidade do bairro é mais atrativa e promove mais possibilidades de articulação de seus conhecimentos que a realidade experienciada na escola. As escolas ainda não codificaram a realidade dos bairros negros, que por sua vez não produzem conhecimentos que embasam documentos e materiais que deveriam estar presentes em reuniões e formações pedagógicas das escolas.

CONCLUSÃO

Este trabalho buscou dar conta da realidade vivida pela população negra na comunidade Rosalina e as memórias afrodescendentes. A realidade vivida em bairros negros decorre de uma especificidade inerente ao desenvolvimento histórico das experiências territorializadas. A história e a cultura desenvolvem-se à medida que os atores dinamizam o cotidiano. As redes e sociabilidades presentes dentro da comunidade Rosalina são aspectos das associações existentes no cotidiano da comunidade. As codificações das relações sociais no dia a dia pertencem aos moradores e o pesquisador-autor-morador por fazer parte do cotidiano, consegue acessar, entender e questionar.

Há uma ideia amplamente difundida de que a produção científica que se limita a reproduzir o conhecimento existente reflete uma carência de profundidade no campo científico. Neste estudo, nosso objetivo primordial é destacar a relevância das experiências vividas na infância por afrodescendentes, evocando tais vivências por meio da memória que revela os processos educativos territorializados no bairro negro. Adotando uma perspectiva ancorada na cultura e no patrimônio cultural negro, este trabalho buscou abordar a educação no cotidiano da população negra da comunidade



SALVADOR E SUAS CORES [2023]

POR AÇÕES AFIRMATIVAS URBANAS – RACISMO, POPULAÇÃO NEGRA, INDIGENA E DIREITO À CIDADE

Rosalina. Observamos que essas experiências envolvem uma variedade de vivências, emoções e desafios psicológicos, muitos dos quais podem ser complexos e adversos.

No entanto, é crucial reconhecer que o escopo abordado neste trabalho é de importância significativa, pois ele revela as expressões da vida cotidiana em um bairro negro na cidade de Fortaleza. A maneira como essas experiências moldam nossa percepção do mundo e nos capacitam a desenvolver uma consciência geográfica, histórica e social é essencial para o crescimento humano. A análise das situações cotidianas a partir da perspectiva das experiências infantis implica uma abordagem que considera a etnicidade como ponto central.

Esses são os elementos cruciais no processo de desenvolvimento e eles só podem ser compreendidos e transmitidos por meio da memória, já que as condições materiais são adversas às condições mínimas necessárias para preservação de documentos. Uma parte substancial de registro de experiências reside em memórias, e essas memórias constituem locais de referência na vida urbana cotidiana.

Esses locais de memória nas comunidades adquirem um significado especial para a população negra. Além disso, eles moldam os costumes, vivências e processos culturais, educativos e de sociabilidade dentro dessas localidades. As memórias e o cotidiano afrodescendente estão intrinsecamente ligados a esses locais, experiências e interações sociais.

As memórias compartilhadas neste estudo representam registros pessoais e a convivência com os mais velhos que transmitiram seu conhecimento adquirido através de experiências práticas na luta e na organização comunitária. As discriminações enfrentadas ao longo do tempo viabilizam um posicionamento na sociedade como defensores dos direitos civis e críticos das injustiças e segregações impostas pelo racismo.



SALVADOR E SUAS CORES [2023]

POR AÇÕES AFIRMATIVAS URBANAS – RACISMO, POPULAÇÃO NEGRA, INDÍGENA E DIREITO À CIDADE

REFERÊNCIAS

ABIKO, Alex Kenya; DE OLIVEIRA COELHO, Leandro. Procedimentos de gestão de mutirão habitacional para população de baixa renda. **Ambiente Construído**, v. 4, n. 1, p. 7-20, 2004.

ALENCASTRO, Luiz Felipe de. **O trato dos viventes: formação do Brasil no Atlântico Sul**. Companhia das letras, 2000.

ANTONIO, Carlindo Fausto. (2005) **Cadernos Negros: esboço de análise**. (Tese de doutorado em Teorias Literárias) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

ANJOS, Rafael Sanzio Araújo dos. Territórios étnicos: espaço dos quilombos no Brasil. In: SANTOS, Renato Emerson dos (org.). **Diversidade, espaço e relações étnico-raciais: O negro na Geografia do Brasil**. Belo Horizonte: Editora Gutenberg, 2009 (Coleção Cultura Negra e Identidade), 2. ed. 203 p.

ANJOS, Rafael Sanzio Araújo dos. Geografia, cartografia e o Brasil africano: algumas representações. **Revista do Departamento de Geografia**, v. esp., p. 332-335, 2014.

BARBOSA, Ana Larisse Santos; DAVIES, Frank Andrew; SANTOS, Guilherme Marcondes dos. Bairro negro, quilombo urbano: reflexões sobre a formação das cidades a partir do Conjunto Jardim União, Fortaleza. **Ponto Urbe. Revista do núcleo de antropologia urbana da USP**, n. 30 v. 2, 2022.

CANCLINI, Néstor Garcia. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. Tradução de Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. 4ª edição. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

CAVALLEIRO, Eliane. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil**. São Paulo: Contexto, 2008.

CUNHA Jr., Henrique. Lugar Fora da Idéias Urbanísticas: População negra, Bairros Negros e a produção das cidades. In: **III Simpósio Nacional Sobre Democracia e Desigualdades - DEMODE**, 2016. (Simpósio).

CUNHA Jr., Henrique. Bairros negros: A forma urbana das populações negras no Brasil. In: **Revista da ABPN**, v. 11, Ed. Especial - Caderno Temático: Raça Negra e Educação 30 anos depois: e agora, do que mais precisamos falar? Abril de 2019, p.65-86.

CUNHA Jr., Henrique. Bairros negros: epistemologia dos currículos e práticas pedagógica. In: **Anais do Colóquio Luso-Afro-Brasileiro de questões curriculares**, 2017, . Anais eletrônicos. Campinas, Galoá, 2017. Disponível em: <<https://proceedings.science/coloquio/papers/bairros-negros--epistemologia-dos-curriculos-e-praticas-pedagogica--?lang=pt-br>> Acesso em: 18 jul. 2020.



SALVADOR E SUAS CORES [2023]

POR AÇÕES AFIRMATIVAS URBANAS – RACISMO, POPULAÇÃO NEGRA, INDÍGENA E DIREITO À CIDADE

CUNHA Jr., Henrique. **Textos para o Movimento Negro**. São Paulo: EDICON, 1a ed., 1992

CUNHA Jr., Henrique. Africanidades, Afrodescendência e Educação. **Revista Educação em Debate**, Ano 23, V. 2 - nº. 42, Fortaleza: FAGED/UFC, 2001. p. 05-15.

CUNHA Jr., Henrique. Espaço Urbano e Afrodescendência. In: CUNHA Jr., Henrique e RAMOS Maria Estela Rocha. (org.) **Espaço Urbano e afrodescendência: Estudo da espacialidade negra urbana para o debate das políticas públicas**. Fortaleza: UFC Edições, 2007.

CUNHA Jr., Henrique. Me chamaram de macaco e eu nunca mais fui à escola. In: GOMES, Ana Beatriz Souza; CUNHA JUNIOR, Henrique (org.). **Educação e afrodescendência no Brasil**. Fortaleza: EdUFC, 2008. p. 229 – 240.

COSTA, Emília Viotti da. **Da Monarquia à República: momentos decisivos**. São Paulo: Unesp, 9a ed., 2010.

DIOP, Cheikh Anta. Los tres pilares de la identidad cultural. In: **EL CORREO DE LA UNESCO: Una ventana abierta al mundo**. París: UNESCO, nº 35: 58. 1982.

GLISSANT, Edouard. **Introdução a uma poética da diversidade**. Juiz de Fora (MG): UFJF, 2005.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de Despejo: Diário de uma favelada**. 10ª edição. São Paulo: Ática, 2014.

MUNANGA, Kabengele; Território e territorialidade como fatores constitutivos das identidades comunitárias no Brasil: caso das comunidades quilombolas. In: NOGUEIRA, João Carlos; NASCIMENTO, Tânia Tomázia do (org.). **Patrimônio Cultural: Territórios e identidades**. Florianópolis: Atilênde, 2012, p. 15-21.

LUIZ, Maria do Carmo. et al. A criança (negra) e a educação. **Cadernos de pesquisas, Fundação Carlos Chagas**, nº 31, 1979, pp. 69-72.

OLENDER, MCHL. **A técnica do Pau-a-pique: subsídios para a sua preservação**. 2006, 94 f. 2006. Tese de Doutorado. Dissertação (Mestrado)–Curso de Arquitetura e Urbanismo, Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

OLIVEIRA, Eduardo David de. Filosofia da Ancestralidade como Filosofia Africana: Educação e Cultura Afro-brasileira. **Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação**, v. 18, p. 28-47, 2012.

ROLNIK, Raquel. Territórios negros nas cidades brasileiras: etnicidade e cidade em São Paulo e Rio de Janeiro. **Revista de Estudos Afro-Asiáticos**, v. 17, p. 1-17, 1989.



SALVADOR E SUAS CORES [2023]

POR AÇÕES AFIRMATIVAS URBANAS – RACISMO, POPULAÇÃO NEGRA, INDÍGENA E DIREITO À CIDADE

RAMOS, Maria Estela Rocha. **Bairros negros: Uma lacuna nos estudos urbanísticos** - Um estudo empírico-conceitual no bairro do Engenho Velho da Federação, Salvador (Bahia). Tese (Doutorado), Universidade Federal da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Salvador, 2013.

SANTOS, Milton. O Dinheiro e o Território. **GEOgraphia**, 1(1), pp. 7-13, 1999 <https://doi.org/10.22409/GEOgraphia1999.v1i1.a13360>.

SANTOS, Milton. **O Espaço do Cidadão**. São Paulo: Nobel, 2. ed. 1993.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço**. Técnica e Tempo. Razão e Emoção. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. São Paulo : Record, 2006.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. Africanidades: esclarecendo significados e definindo procedimentos pedagógicos. In: **Revista do Professor**. Porto Alegre, v. 19, nº 73 / março 2003. p. 26-30.

SODRÉ, Muniz. **O terreiro e a cidade**: a forma social negro-brasileira. Rio de Janeiro: Imago ed. Fundação Cultural do Estado da Bahia, 2002. (Bahia: prosa e poesia), 184 p.

VIDEIRA, Piedade Lino. **Marabaixo, dança afrodescendente**: significando a identidade étnica do negro amapaense. Fortaleza: Edições UFC, 2009.

SOUZA, Juliana de. **Memórias e Histórias da População Negra de Carapicuíba-SP**: uma abordagem para a educação escolar. 2010. Dissertação. (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, 2010.